

Identidades e mediações culturais

HALL, Stuart. Teorias da Recepção. Org. Liv Sovik; trad. Adelaine La Guardia Resende.... [et al]. Belo Horizonte/MG: UFMG; Brasília : Representação da UNESCO no Brasil, 2003. Moabe Breno Ferreira* e Cínthia Paula Andrade**

Hall inicia seu texto apresentando uma crítica às práticas e aos estudos da comunicação fundamentados na linearidade emissor/mensagem/receptor que, segundo ele, além de concentrar-se no nível das trocas e das mensagens não possibilita a compreensão mais ampla da complexidade que envolve os processos comunicacionais. Para o autor, seria mais interessante que o processo comunicativo fosse produzido e entendido em uma estrutura que considere os momentos específicos de sua construção, ou seja, pensá-lo como uma 'complexa estrutura em dominância' em que cada momento do processo - produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução - seja identificado em suas próprias formas e condições de existência, mas claro, devem estar interligados na formação de um sentido único.

Para Hall (2003, p.388), "a forma discursiva da mensagem tem uma posição privilegiada na troca comunicativa (do ponto de vista da circulação) e que os momentos de 'codificação' e 'decodificação', embora apenas 'relativamente autônomos' em relação ao processo comunicativo como um todo, são momentos determinados". Desse modo, o autor aponta que a circulação do produto se realiza sob a forma discursiva, pois é após a tradução do discurso para as respectivas audiências que ocorrem as práticas sociais, que vão então ser recodificadas, transformadas novamente sob a forma de discurso e retransmitidas para suas audiências. Contudo, se o sentido da mensagem não for compreendido não vai haver consumo, daí a importância em se entender cada momento do processo comunicativo em suas formas próprias e articuladas. Afinal, cada um pode se constituir como um ponto de ruptura ou interrupção da transmissão da mensagem, por isso a pesquisa em comunicação não deve circunscrever apenas a análise dos produtos, mas também a compreensão da forma como o discurso (a mensagem) é construído.

Assim, antes que a mensagem possa ter um efeito, satisfaça necessidades, ou tenha um uso, deve primeiro ser compreendida como um discurso significativo para, em seguida, ser significativamente decodificado. Como Hall pontua (2003, p.390), "é esse conjunto de significados decodificados que 'tem um efeito', influencia, entretém, instrui ou persuade, com conseqüências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas". Contudo, existe uma relação de equivalência estabelecida entre as posições de personificações - codificador-produtor e decodificador-produtor - que estabelece graus diferentes de compreensão na troca comunicativa.

A discussão de Hall centra-se nos signos televisivos. Para tanto, fundamentado na teoria lingüística, ele estabelece a diferença entre denotação (o sentido literal do signo) e conotação (os sentidos menos fixos, por isso convencionalizados e mutáveis). Nesse sentido, ele aponta que as diferenças de significados existem em decorrência das diferenças culturais e dos significados que cada signo icônico veiculado pelas mídias representam nas sociedades, definindo níveis diferentes de conotação do signo visual. Hall cita Barthes para dizer que os níveis conotativos dos significantes 'têm uma estreita relação com a cultura, o conhecimento, a história e é através deles, por assim dizer, que o meio ambiente invade o sistema lingüístico e semântico. Eles são, de alguma forma, os fragmentos da ideologia'.